

Sarney

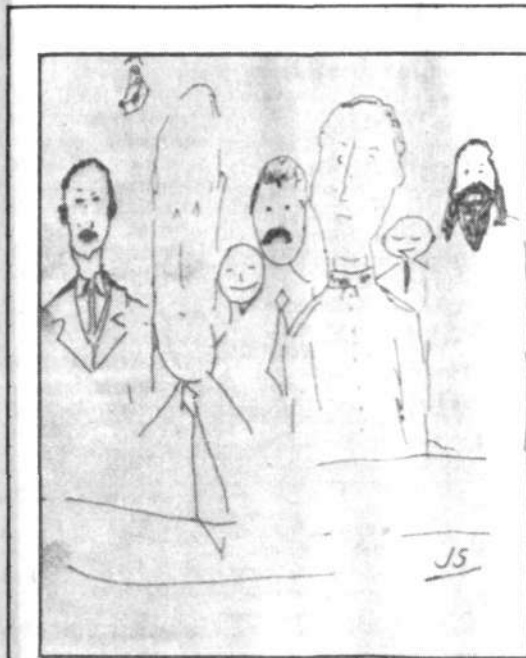
# Austero e sério, o Presidente não quer errar

BRASÍLIA — “Meu compromisso é não errar”. Para cumprir esse seu lema, o Presidente Sarney ficou mais distante do cidadão José. Sua preocupação com o perfeccionismo no desempenho do mais alto cargo da República não lhe tirou a simplicidade e o jeito afável com os subalternos, mas fez dele um homem tenso e com novos atributos compulsórios. Entre eles, organização e pontualidade, características que não marcavam o Senador, nem quando presidia o PDS.

Pelo depoimento de colaboradores e mesmo por suas palavras e atos, Sarney valoriza muito o que chama de “liturgia do cargo”. Para o qual, certamente, não se preparou com antecedência. São comuns as consultas ao cerimonial para saber como agir em certos casos. Fez assim antes de decidir se posaria para foto oficial. Só depois concordou com a fotografia, que deve ser tirada nos próximos dias.

Apesar de definido pela maioria dos seus assessores como um homem tenso, o Presidente, ainda por esses testemunhos, não toma decisões sob pressão. Da mesma forma, não queima etapas. Se tem 48 horas para dar a sua palavra, não se pronuncia antes disso. Graças a esse método, suas decisões, mesmo as mais graves, são frias e irreversíveis. Quanto à tensão, pode ser medida por suas pernas: quando nervoso, tem a mania de sacudi-las apressadamente num mesmo ritmo, esfregando-as com as mãos.

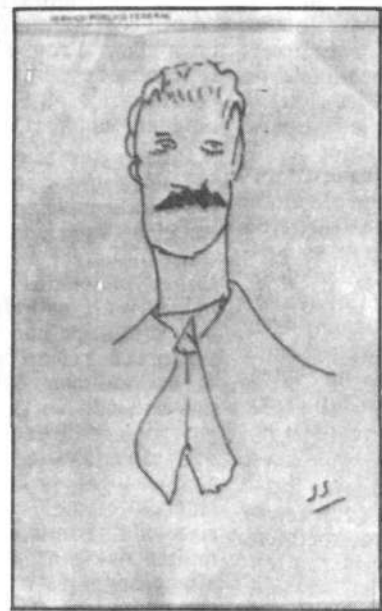
Além de remédios — é conhecida sua atração por toda sorte de medicamentos, principalmente aspirinas e vitaminas orgânicas importadas — o Presidente adotou o desenho entre as terapias para combater seu nervosismo. Mesmo na presença de interlocutores, Sarney consome folhas do bloco de papel que fica na



Na reunião do Conselho Político



Uma rua de São Luís



Sarney por Sarney

Desenhos de José Sarney

sua mesa, traçando, a canetas ou lápis, rabiscos soltos, formas geométricas ou reproduzindo paisagens e animais — geralmente pássaros — do Maranhão. Nos últimos tempos, arrisca-se até no campo da caricatura, usando a si próprio como modelo predileto.

A figura esguia que também costuma repetir é o Ministro Marco Maciel, que não escapa da pena de Sarney. Isso, é bem verdade, o próprio Presidente explica a auxiliares que guardam os seus desenhos, na maioria das vezes sem reconhecer os personagens. A exceção do próprio Presidente, que sempre capricha nos bigodes dos seus auto-retratos.

Embora dedique atenção exagera-

da à saúde, não faz ginástica. Está freqüentemente preocupado com o peso, mas adota apenas período de dieta. Sua paixão são os livros: lê, relê e arruma constantemente os volumes de sua grande biblioteca. Com isso, reforça sua fama de especialista em citações. Com os novos afazeres, parou de pintar e não tem mais tempo para suas serestas. E tido como afinado e, além de poesias, costumava escrever letras para “emboladas”. Continua fiel ao costume de receber artistas, intelectuais, jornalistas e políticos para almoço e café da manhã, normalmente marcado para as 7h15m. As 6h, Sarney já está de banho tomado, vestido com seu terno e lendo os primeiros jornais.

Sarney raramente bebe; apenas

em encontros sociais. Durante a enfermidade de Tancredo Neves, quando o Palácio do Jaburu era ponto de vigília da Nova República, um Ministro chegou a reclamar que a única bebida alcoólica na adega do então Vice-Presidente resumia-se a meia garrafa de uísque. No seu sítio, São José de Pericumã, perto de Brasília, costuma ter apenas sempre uma boa cachaça.

O fato de ser simples não o impede de ser vaidoso. Ele mesmo escolhe suas roupas, dando preferência a paletós do tipo jaquetão, muitos deles quadriculados. Pessoas que convivem com ele há algum tempo observam que a Presidência fez com que perdesse ao menos uma vaidade: parou de pintar o bigode, agora gri-

salho.

Na Presidência, já assumiu estilo próprio, no qual destacam-se a austeridade e a seriedade. Para as suas viagens de serviço pelo País decidiu que não pernoita — volta a qualquer hora para Brasília — e substituiu as grandes comitivas por um número limitado de auxiliares. No lugar do tradicional comboio de carros oficiais, adotou o ônibus como seu veículo para fora da capital. A austeridade continua até no ar: no Boeing presidencial, Sarney toma café em copinho de plástico. Por sinal, café e água são as únicas coisas servidas a bordo. Nas viagens aéreas, outra inovação: leva sempre um jornalista como convidado.

Ainda na linha da austeridade, re-

cusava sistematicamente toda sorte de presentes. Nas recentes feiras de agropecuária de Uberaba e Goiânia, teve de agir com diplomacia para esquivar-se da oferta de bois. Quanto à seriedade, busca cumprir o seu papel com perfeccionismo obsessivo. Na Vice, recusava-se a subir a rampa do Palácio, cerimônia que lhe era assegurada pelo protocolo. Já na Presidência, instruiu seus ajudantes de ordem para evitar ser fotografado por detrás da sua mesa de trabalho: quer evitar que, por este ângulo, ele ou seu interlocutor fiquem num plano inferior.

E também muito exigente com os seus discursos e geralmente deixa de lado os vários esboços que recebe de assessores para escrevê-los sozinho. Sarney relê seus pronunciamentos repetidas vezes e, mesmo assim, para desespero da Empresa Brasileira de Notícias (EBN) — encarregada de divulgar com antecedência os discursos — sempre acrescenta alterações na hora de lê-los. Empolgado, troca o tom solene de frases por um estilo mais de palanque do que de parlatório. “É preciso”, por exemplo, dá lugar a um “nós precisamos, todos”. Até quando a sua palavra não é esperada, o Presidente dificilmente deixa de dizer alguma coisa: Sarney adora um improviso.

Mas, tenso, austero, exigente e sério, o Presidente não esconde um homem de família simples.

E o Presidente gosta de fazer dessa simplicidade um exercício, ora rompendo o cordão de isolamento dos seus próprios agentes de segurança para beijar as repórteres que acompanham sua carreira desde o Senado; ora, mesmo na frente de estranhos, tomando a bênção, contrito, da sua mãe, D. Kiola.

LUIZ ERLANGER